

Demóstenes e a defesa da soberania *políade*

Demosthenes and the defense of the sovereignty of the polis

Alessandra André*

Resumo: No presente artigo, exploraremos o pensamento político de Demóstenes (384-322 a. C.) referente à defesa da autonomia da *polis* e à ação antimacedônia. Teremos como foco de análise as três *Filípicas*, com a intenção de captar, nesses discursos, o sentido da identidade grega ligada ao sistema *políade*, único sistema político visto por Demóstenes como digno para os helenos e o único capaz de preservar a liberdade da Hélade. Em contrapartida, iremos examinar como, ao mesmo tempo, Demóstenes, ao falar do *ser* grego, da natureza da *polis*, constrói toda uma retórica segundo a qual Filipe II, rei da Macedônia, é simbolizado como *bárbaro* e inimigo da Hélade.

Abstract: In this article, we will explore the political thought of Demosthenes (384-322 BC) as to the defense of the autonomy of the polis and the action against the Macedonia. We will focus on the three Philippics analysis with the intent to capture in these speeches the sense of Greek identity connected to the *polis*, a single political system seen by Demosthenes as worthy for the Hellenes and the only one capable of preserving the freedom of Hellas. In return, we will examine how, at the same time, Demosthenes, when speaking of being Greek, the nature of the *polis*, builds an entire rhetoric according to which Philip II, king of Macedonia, is symbolized as a barbaric enemy of Hellas.

Palavras-chave:

Sistema *políade*;
Demóstenes;
Filipe II;
Grécia;
Macedônia.

Keywords:

Polis system;
Demosthenes;
Philip II;
Greece;
Macedonia.

Recebido em: 26/06/2013
Aprovado em: 22/07/2013

* Doutoranda do Programa de pós-graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo sob a orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Bolsista Fapes.

Após a Guerra do Peloponeso (431-404 a. C.), a Hélade entra em uma profunda crise social. Esta crise afetará todos os âmbitos da vida das *poleis*, colocando em risco o próprio sistema *políade*. Ao mesmo tempo, desponta, no cenário grego uma nova força, encarnada na figura do rei da Macedônia, Filipe II, que passa a intervir diretamente na complicada política da Hélade. Nesse contexto, vemos Demóstenes como grande defensor da manutenção do sistema *políade* característico do século V a. C..

Demóstenes foi o orador mais conhecido da democracia ateniense. Sua obra abarca praticamente toda a segunda metade do século IV a. C., o que compreende, em termos históricos, o período desde a crise da segunda confederação marítima de Atenas, fundada em 377 a. C., até os efeitos da derrota de Queroneia, em 338 a. C. A tradição manuscrita legou-nos uma coleção de onze discursos deliberativos autênticos de Demóstenes, os quais constituem uma preciosa fonte de informação sobre os fatos mais importantes da vida política ateniense entre 354 a 341 a. C. Esses discursos são os seguintes: *Sobre as Simorias*, *Pelos megalopolitas*, *Sobre a liberdade dos ródios*, as três *Filípicas*, as três *Olintíacas*, *Sobre a Paz* e *Sobre as questões da Quersoneso*.

Demóstenes, no plano interno, sempre se voltou para o interesse de sua *polis* e, na política externa, para o princípio de equilíbrio do poder na Hélade. No entanto, a partir de 351 a. C., percebeu que a questão da *liberdade* dos gregos estava acima do poderio de Atenas. Assim, empregou toda a sua capacidade de persuasão e todo o seu ardor patriótico em defesa da salvação da Hélade, que já se encontrava com o adversário às portas. Desde as Guerras Greco-pérsicas, as *poleis* nunca tinham sido ameaçadas por um inimigo externo como naquele momento. O perigo e o adversário comuns para Demóstenes forçosamente levariam à *união* desejada. Segundo Rocher (2002), antes de a ameaça macedônia tornar-se evidente, Demóstenes havia combatido, com todos os seus artifícios retóricos, a oligarquia. Mas uma coisa não mudou entre esses dois momentos: a democracia e o sistema *políade* continuavam a ser o modelo superior da organização política. Sobre esse ponto, sua atividade e seus escritos colocam os investigadores ante o dilema de eleger entre um Demóstenes simplesmente oportunista (MOSSÉ, 1994), ou um Demóstenes de convicções autenticamente democráticas (JAEGER, 1976). Seus discursos, apesar das possíveis correções realizadas após a exposição oral, contribuíram para uma contenda política real, não podendo, naturalmente, deixar de apresentar uma grande dose de oportunismo. Os tópicos e os

princípios utilizados na argumentação e a descrição derivaram de um caldeirão de ideias democráticas, uma vez que, em sua época, qualquer político ateniense de renome era obrigado a apresentar-se nas assembleias como defensor dos interesses do *demos*. A evidência que conta a favor da solidez de seus princípios democráticos foi a atitude mantida por ele mesmo depois de 338 a. C. Em todo caso, o principal objetivo de suas obras era o de conclamar o *demos* à ação. Demóstenes não criticava a democracia de sua época em nenhum aspecto estrutural, ainda que tenha alertado seus ouvintes para muitos perigos internos e externos.

A partir das *Olínticas*, redigidas pouco tempo depois da primeira *Filípica*, o contraponto da democracia para Demóstenes deixa de ser a oligarquia e passa a ser definitivamente a *tiranía*. O tirano em questão é Filipe II, qualificado como *bárbaro*, o que supõe a sua total desqualificação, já que estaria destinado a ser súdito dos gregos e não seu senhor, como pretendia (ROCHER, 2002, p. 250). A tirania se opõe assim à liberdade e à igualdade por não se fundamentar nas leis. O tirano é o injusto em todas as suas medidas. Ambicioso, sua vontade é a lei. Por não respeitar as leis comuns, não tem de consultar seus concidadãos, meros súditos.

As *três Filípicas* são carregadas de uma intensidade dramática que provém, antes de tudo, do duelo que nelas podemos acompanhar entre duas personalidades vigorosas. O ódio de Demóstenes a Filipe é intenso. O orador trata-o de bárbaro, descreve em detalhes seu apego às orgias, às personagens devassas que compõem sua corte e denuncia sua pretensão de liderar os gregos. Demóstenes teve, entretanto, no fundo, consciência do poder de seu adversário, indignando-se quando alguém considerava Filipe um líder pouco hábil. O pensamento antimacedônio de Demóstenes, que se elaborou a partir da *Primeira Filípica*, só pode ser bem entendido com um retorno aos eventos que precederam o confronto direto entre Atenas e a Macedônia, quando o orador já via em Filipe uma ameaça para os gregos. De fato, a partir de 357 a. C., Atenas podia considerar-se em estado de guerra com a Macedônia, uma vez que Filipe ocupou, na Península Calcídica, a importante cidade de Anfípolis, o que lhe assegurou o acesso ao mar e a passagem não só para as minas de ouro do Pangeu como também para a Trácia e para a cidade de Quersoneso. Em 359 a. C., Filipe tinha concluído um acordo com Atenas, segundo o qual se apoderaria de Anfípolis para restituí-la aos atenienses em troca de uma cidade aliada destes, Pidna, que lhe abria o caminho para a região do Olimpo (HAMMOND, 2001). Mas, como Pidna não lhe foi

entregue, o rei macedônio apoderou-se dela, mantendo então sob seu domínio as duas cidades: Anfípolis (357 a. C.) e Pidna (356 a. C.). A seguir ocupou Potideia. Assim, só restava Metona sob o domínio dos atenienses, na região do Golfo Termaico. Filipe finalmente a ocupou, completando assim a conquista de todas as cidades aliadas de Atenas no referido Golfo e ainda aquelas que possuíam clerúquias atenienses. Toda essa atividade foi cumprida em quatro anos (GRIFFITH, 1970).

De acordo com Fonseca (2001), durante os anos de 356 a 346 a. C., outro fator complicou mais ainda a situação de Atenas: a Terceira Guerra Sagrada, que propiciou a Filipe se intrometer nas questões internas da Hélade.¹ Filipe acabou adquirindo o título de defensor de Apolo, e se introduziu na Anfíctonia de Delfos (FONSECA, 2001, p. xix-xx). Os conflitos em torno de Anfípolis e a Terceira Guerra Sagrada mostram bem as dificuldades pelas quais passavam os atenienses por ocasião dos primeiros pronunciamentos de Demóstenes.

Antes de 351 a. C., os discursos de cunho político proferidos por Demóstenes tratavam principalmente de questões que envolviam choques de interesse entre Atenas, a Pérsia, o Peloponeso e a ilha de Rodas. A partir de 351 a. C., todos os seus discursos referiam-se a situações criadas pela campanha de Filipe. E foi justamente em virtude desses discursos que a figura de Demóstenes ganhou grande notoriedade.

Sobre a *Primeira Filípica*, existe uma longa controvérsia no que diz respeito à data de sua composição. Para Musurillo (1957) o mais razoável é que o discurso tenha sido proferido na primavera de 350 a. C.. Já Jaeger (1976) afirma que críticos modernos situam a redação do discurso em 349 a. C., ano em que Olinto foi sitiada, pois, no parágrafo 17, é mencionada a campanha de Filipe contra essa cidade. Em todo o caso, o mais provável é que o discurso tenha sido proferido em novembro de 351 a. C., após o ataque a *Heraion Teichos*, na Trácia, ocasião em que Filipe adoeceu. Demóstenes citou o ocorrido em seu discurso na tentativa de mostrar aos atenienses que essa era a hora certa de reunir forças contra o macedônio:

Quando, pois, atenienses, quando fareis o que é necessário? O que estais esperando? Por Zeus, até que haja alguma necessidade! Mas o

¹ Aplicava-se a expressão “guerra sagrada” a toda guerra que a Anfíctonia de Delfos declarava contra seus membros acusados de sacrilégio contra Apolo. Nessa guerra, foram os tebanos que acusaram os foces de delito diante do conselho anfictiônico.

que se deve pensar do que está ocorrendo agora? [...] “Está morto Filipe?” Não, por Zeus, mas está doente (*I Phil.*, 10-11).²

Para Demóstenes, era imperativo que os gregos agissem antes que Filipe se restabelecesse e retomasse a campanha.³ Na *Primeira Filípica*, como em muitas das melhores orações de Demóstenes, pode-se detectar um sutil processo de elaboração calcado no emprego das imagens literárias. De fato, a alta qualidade pictórica distingue a *Primeira Filípica* de Demóstenes dos discursos anteriores. Embora curto, o discurso contém um rico repertório de metáforas e demais figuras de linguagem, empregadas com maestria. Ao longo da *Primeira Filípica* Demóstenes desejou transmitir aos atenienses uma imagem de si próprios como pertencentes a um mundo perverso, governado por líderes corrompidos, ideia que se repete até a conclusão. Encontramos assim, na *Primeira Filípica*, um aumento significativo do uso de metáforas, o que não se verifica nos discursos anteriores (ROWE, 1968, p. 365-370).

O principal objetivo de Demóstenes na *Primeira Filípica* foi mobilizar uma Atenas incapaz de uma iniciativa eficaz contra a ambição de Filipe, propondo, assim, ele mesmo, um “projeto” que julgava eficiente para combater as forças macedônias. Conquanto não saibamos dizer se a *ecclesia* levou a sério sua proposta, o que podemos concluir é que o orador, por meio desse discurso, ansiava, mais do que tudo, por uma mudança de atitude por parte de seus concidadãos. Demóstenes afirmava que a situação, não só de Atenas, mas de toda a Hélade, era crítica, revelando aos atenienses que a culpa pela situação se devia principalmente a eles mesmos, devido à inércia diante dos avanços de Filipe. É o que o orador explicita na seguinte passagem: “[Filipe] não cresceu por sua própria força tanto quanto por vossa negligência” (*I Phil.* 11). Para os atenienses saírem desse estado de impotência, aconselha:

² Em 352, ocorreu a notícia de que Filipe estava doente e poderia inclusive já estar morto. Assim, apenas um pequeno contingente foi enviado ao Helesponto, ao tempo que Filipe se recuperou e empreendeu seu primeiro ataque à Confederação Calcídica (*I Olynthiacs.* 12).

³ Também existem discussões acerca da unidade desse discurso. Tais discussões se iniciaram com Dionísio de Halicarnasso. Para maiores informações vide *A Critical Note on Demosthenes' First Philippic* de Herbert Musurillo, 1957 e *Demosthenes' First Philippic: The Satiric Mode*, de Galen O. Rowe, 1968.

Primeiramente, então, atenienses, digo que deveis preparar cinquenta trirremes;⁴ depois, é preciso terdes a convicção de que, se houver necessidade, vós mesmos deveis embarcar nelas e navegar. Além disso, peço que mantenhais à disposição trirremes de transporte para a metade da nossa cavalaria, e suficientes navios de carga [...] Proponho [...] que a totalidade dos soldados seja de dois mil [...] a esses acrescentareis duzentos cavaleiros [...] forneceréis também meios de transporte para a cavalaria [...] dez trirremes rápidas; uma vez que ele tem uma frota, nós também precisamos de trirremes rápidas, para que o nosso exército faça uma travessia com segurança (*I Phil.*, 16-22).

Embora tenha consciência de que os recursos para essa mobilização podiam parecer pequenos diante de outros projetos discutidos na assembleia, afirmava que os atenienses são bons em elaborar projetos grandiosos, mas na prática, nem os menores realizavam, acabando por não concretizarem nada, o que representava uma forma de incitar os seus concidadãos.

Nesse discurso, encontramos um Demóstenes mais atento às questões internas de sua *polis*, ao contrário de outros oradores que falavam somente o que agradava aos atenienses e não debatiam a real situação da Hélade. Demóstenes insistia, em várias passagens do seu discurso, sobre a necessidade de haver uma fiscalização, como no passado, dos administradores da *polis*, principalmente dos estrategos, para que as investidas contra Filipe pudessem ser bem sucedidas. Nesse ponto, nosso orador retoma o argumento de que só por meio da justiça e das leis será possível salvar a *polis*.

Para Demóstenes, os atenienses, assim como os demais gregos, sempre estiveram atrasados diante de Filipe. O orador termina afirmando ser Filipe um inimigo em potencial e que, por esse motivo, algo precisava ser feito rapidamente, antes que fosse tarde demais.

Após 346 a. C., um tema recorrente nos discursos de Demóstenes foi o da violação, por Filipe, da Paz de Filócrates, que, nesse mesmo ano, ganhou um discurso intitulado *Sobre a Paz*, no qual são abordadas as consequências desastrosas desse tratado para a cidade de Atenas. Para Cawkwell (1963), Demóstenes exagerou ao falar do assunto, pois as acusações contra Filipe fizeram parte mais de uma estratégia política do que de qualquer outra coisa. Cawkwell afirma ainda que diferentes facções da

⁴ Navios de guerra de três filas de remadores. A trirreme ateniense tinha de 35 a 40 metros de comprimento e de 5 a 6 metros de largura, sendo movida por 200 remadores (DIMAGR, LAVEDAN *apud* FONSECA, 2001, p.17).

Hélade, devido à luta pelo poder, procuraram a amizade de Filipe, alertando-nos assim para a instrumentalização do rei macedônio na obtenção de vantagens pelos próprios gregos, ao contrário de Demóstenes, que nos induz a pensar que Filipe subornasse os gregos em troca de apoio.

É possível constatar, no trabalho de Calhoun (1933), como o debate sobre as convicções políticas de Demóstenes é antigo. O autor se interroga se a *Segunda Filípica* pode ser qualificada como uma inútil declamação antimacedônia e se o orador foi, de fato, apenas um antimacedônio baseado em falsas premissas ou se o discurso foi elaborado para responder às propostas enunciadas por Isócrates em uma carta a Filipe. Nossa intenção aqui, no entanto, não é decidir se as informações contidas em Demóstenes foram ou não manipuladas, atitude plausível e até comum em contendas políticas, mas assinalar que os discursos proferidos por ele vão mudando de foco até centrar-se totalmente em uma ação contra Filipe e compreender a razão disso.

A *Segunda Filípica* foi elaborada dentro do contexto da Paz de Filócrates e demonstra a preocupação de Demóstenes com a honestidade de Filipe, que julgou ser dissimulada. Esse discurso, do início ao fim, é uma discussão sobre os preparativos de Filipe para atacar Esparta em conjunto com Argos e Messênia. No discurso, vemos claramente Demóstenes se voltar contra a tirania e deixar de lado sua campanha contra a oligarquia. É agora a monarquia que representa em todos os sentidos a tirania, que o orador atacou veementemente. Leopold, num artigo intitulado, *Demosthenes on Distrust of Tyrants*, de 1981, afirma que a desconfiança de Demóstenes contra a tirania aumenta a partir da *Segunda Filípica*. Demóstenes iniciou seu discurso tratando das violações que Filipe comete contra o tratado de paz de 346 a. C.. Ao fazer isso, retomou diversos pontos já abordados na *Primeira Filípica*, como a necessidade de impedir o avanço da Macedônia por meio de ações, e não com belos discursos, ao mesmo tempo em que critica intensamente a apatia dos atenienses.

O proêmio da obra impressiona por retratar em detalhes a situação em que se encontravam os atenienses, tão empolgados com os discursos que ouviam nas assembleias e descuidados da política externa. Por outro lado, ao mesmo tempo em que repreendeu os atenienses pela difícil situação em que se encontravam, Demóstenes elogiou e glorificou a cidade de Atenas e seus cidadãos. Estas foram estratégias que o orador utilizou para persuadir seus ouvintes (MADER, 2004). Nesse discurso, Demóstenes ainda ampliou seu foco para a salvação da Hélade das mãos de Filipe,

quando fala que o problema das *poleis* é pensar apenas em seu próprio bem-estar. Porém, continuou focado em Atenas quando afirma, ao longo do discurso, que Atenas, sem falar das demais *poleis*, deve se preparar para a guerra contra Filipe.

A questão que se coloca diante de nós é a seguinte: por que Filipe, se realmente possuía o poderio que Demóstenes supunha, insistiria em uma aliança com Atenas como uma condição prévia para a paz?

Segundo Markle (1974), Filipe II tinha dois planos alternativos em 346 a. C.. O primeiro seria ingressar, com a ajuda dos atenienses, na Liga Beócia liderada por Tebas. Com essa manobra, Filipe reduziria o poder da segunda maior cidade da Grécia e, assim, eliminaria a possibilidade de uma aliança entre Atenas e Tebas, o que poderia ameaçar suas ambições. Se esse plano falhasse pela falta de cooperação ateniense, restaria uma segunda opção, uma investida dura sobre a Fócida.⁵ Filipe não podia perder um evento que iria garantir a ele o controle das Termópilas e, com isso, dar-lhe o acesso à região centro-sul da Grécia. Por isso, naturalmente, deu preferência ao primeiro plano, por garantir-lhe uma maior influência sobre a Grécia. Com Esparta isolada pelo apoio dado por Filipe aos inimigos da *polis* no Peloponeso e com Tebas enfraquecida pela libertação das cidades beócias, Atenas ficaria sozinha. Com os atenienses neutralizados, seria muito mais provável que viessem a cooperar com Filipe na realização de seu objetivo final, que era a construção da *oikoumene* (MARKLE, 1974, p. 254-255).

Sobre a estratégia adotada por Filipe, na *Segunda Filípica*, Demóstenes tratou da preparação por parte do rei para atacar os lacedemônios:

[...] não adia, contudo, reunir os messênios e os argivos contra os lacedemônios, e envia mercenários, remete dinheiro e ainda é esperado em pessoa com poderoso exército. Aos lacedemônios, que são inimigos dos tebanos, ele arruína, enquanto os focus, que antes ele próprio aniquilou, tenta agora salvar? (*II Phil.*, 15).⁶

Demóstenes seguiu em seu discurso, enumerando as cidades e regiões que sofreram com as investidas virulentas de Filipe e intitulado o monarca de tirano.

⁵ Os focus foram subjugados por Filipe, e seu exército completamente destruído em 353 a. C., durante a terceira guerra sagrada. Essa vitória deu ao rei macedônio o pretexto para intervir nas questões internas da Grécia, porquanto agiu como defensor de Apolo nessa questão.

⁶ Para maiores informações sobre as ações de Filipe sobre a Hélade no período que Demóstenes aborda, consultar N.G.L. Hammond no seu artigo *The actions of Philip II in 347 and 346 early B. C.* e John Buckler, no seu artigo em resposta ao artigo de Hammond.

Finalizou seu texto afirmando, mais uma vez, que os atenienses estavam sendo enganados por Filipe e seduzidos com as lisonjas de seus próprios oradores, o que não lhes permitia perceber a guerra iminente.

A *Terceira Filípica* é considerada a obra-prima entre os discursos deliberativos de Demóstenes. Ela data de 341 a. C., e marca o início da influência política do orador em Atenas. Esse é o maior discurso entre as três *Filípicas*, sendo dividido em 76 parágrafos, distribuídos em 21 páginas da edição de Vince (1998), por nós consultada.

Em 342 a. C., Filipe havia conquistado definitivamente a Trácia, e suas intenções de prosseguir para o sul, rumo à Ática, se tornaram nítidas. A paz firmada em 346 a. C. entre a Macedônia e Atenas era, portanto, simples aparência. Finalmente, Demóstenes percebeu a necessidade de abandonar o princípio do equilíbrio de poder entre as *poleis* e defendeu a união de todos os helenos contra Filipe, ou melhor, a luta comum pela liberdade da Grécia e pela manutenção do sistema *poliade*. Esse equilíbrio de poder se refere à autonomia característica do sistema *poliade*. Sabemos, contudo, que, mesmo no século V a. C., esse equilíbrio era mais idealizado do que concretizado, já que o império marítimo constituído por Atenas fez com que essa *polis* interferisse na autonomia das demais *poleis*, tornando esse equilíbrio inexistente.

A discussão de Demóstenes girou em torno da *guerra* e da *paz*, procurando deixar bem caracterizada a oposição entre o real e o legal: o estado de *guerra* efetivo e o da *paz* oficial (FONSECA, 1990, p. 72).⁷ Demóstenes, reportando-se à situação caótica na qual a Hélade se encontrava, não culpou apenas os atenienses, mesmo que falasse para eles, mas também os demais gregos: “[...] se examinardes corretamente, descobrireis que foi por causa dos que preferem agradar-vos a dizer o que é melhor, alguns dos quais, atenienses, tentando preservar estas condições em que eles próprios gozam de prestígio e poder [...]” (*III Phil.*, 2).

Demóstenes retomou vários pontos abordados nas duas primeiras *Filípicas*, tais como a inércia dos atenienses diante da ameaça crescente de Filipe, e, agora, a de todos os gregos. “Na realidade, porém, de vossa indiferença e de vossa negligência, Filipe

⁷ Fonseca (1990) fala sobre como Demóstenes desenvolve sua argumentação em cima de um dos tópicos da retórica apontados por Aristóteles. Para Aristóteles, os princípios não necessários do discurso retórico são classificados em *tópoi* e *eíde*; os primeiros são gerais e por isso também chamados *koinoi tópoi*, enquanto os segundos são premissas próprias de cada um dos três gêneros da eloquência. Os tópicos mais importantes do gênero deliberativo seriam: rendas, guerra e paz, proteção do território, importação e exportação, e legislação. Os *koinoi tópoi* dizem respeito ao possível ou ao impossível, ou demonstram que algo acontecerá ou não, ou, ainda, tratam da grandeza.

triunfou [...]” (*III Phil.*, 5), disse Demóstenes. A própria violência de Filipe para com as cidades gregas é igualmente denunciada pelo orador:

Diz [Filipe], com efeito, que não faz guerra, mas estou tão longe de concordar que, agindo assim, está em paz conosco, que, intervindo em Mégara, preparando a tirania na Eubéia, avançando agora contra a Trácia, armando intrigas no Peloponeso e fazendo tudo quanto faz com suas tropas, digo que ele rompe a paz e está em guerra conosco [...] (*III Phil.*, 17).

Demóstenes atacou ainda os oradores que ocultavam, segundo ele, a realidade por meio de discursos gloriosos e se indignou ao perceber que alguns ainda não enxergavam a culpa de Filipe. Neste terceiro discurso, denunciou, principalmente, a corrupção entre os gregos, incluindo os atenienses, e destacou mais ainda o caráter tirânico de Filipe, recorrendo à estratégia de alternar acusações e louvores como uma forma de persuadir a audiência. Demóstenes acusou os gregos de assistirem passivos a tudo o que o rei macedônio fazia, sem agirem para impedi-lo, e de, na verdade, estarem mais desconfiados uns dos outros do que preocupados com o verdadeiro inimigo (*III Phil.*, 33-34). Afirmou também que as principais causas de toda a calamidade que atingiu a Grécia repousava na corrupção, outrora punida severamente, na credulidade diante de tiranos e bárbaros e na propensão dos gregos à escravidão, ao contrário do passado (*III Phil.*, 36, 38).⁸ Disse que os gregos estavam naquela situação porque queriam, pois nunca estiveram tão bem equipados para uma guerra. Demóstenes tentou, ainda, recuperar, em exemplos do passado, uma moral que julgava perdida, mas que, se os gregos quisessem e se esforçassem, poderia ser reabilitada.

Com o propósito de unir os gregos, Demóstenes julgava não ser sensato, diante dos acontecimentos, que os gregos se mantivessem isolados. Mas, devemos observar que, mesmo aderindo à causa da união grega em uma campanha militar contra Filipe, Demóstenes considerou que a campanha deveria ser liderada pelos atenienses. Começou, assim, demonstrando que os atenienses deviam se preparar para a guerra, mesmo diante do poderio militar macedônio. O orador insistia numa moralização interna da *polis*, afirmando que os atenienses não deviam,

⁸ Quando fala de corrupção, o autor se refere principalmente a estrategos e oradores.

[...] apenas conhecer esses fatos e daquele nos defender com ações que sejam bélicas, mas ainda com o raciocínio e o pensamento odiar os que entre nós falam em favor dele, considerando que não é possível dominar os inimigos da cidade, antes de punir os que lhes prestam serviços dentro da própria cidade (*III Phil.*, 53).

Demóstenes prossegue declarando que várias desgraças ocorreram por culpa daqueles que, em Atenas, falavam a favor de Filipe, enquanto cidadãos honestos, que visavam ao bem da *polis*, foram punidos.⁹ Segundo ele, isso ocorreu pelo fato de que os “partidários” de Filipe falavam apenas o que convinha aos ouvidos do *demos*, e não a verdade. Sendo assim, para Demóstenes, ao mesmo tempo em que Atenas e as demais *poleis* deviam punir os traidores, os atenienses também deviam se preparar para a guerra, organizando seus recursos e ajudando as demais *poleis* a se reerguerem. Em sua opinião, Atenas devia liderar a Hélade devido ao fato de os atenienses possuírem um dever com a *liberdade*.

Nosso orador finaliza a *Terceira Filípica* concluindo que a missão de Atenas é fazer o que for necessário para deter Filipe, ajudando, instruindo e dirigindo as demais *poleis*, pois essa teria sido uma herança recebida de seus antepassados, de modo que nenhuma outra cidade poderá fazer o que for preciso se Atenas não o fizer.

No decorrer das *Filípicas*, vamos percebendo como Demóstenes rotulou gregos/atenienses e macedônios, de maneira a exaltar os primeiros e depreciar os segundos dentro de um mecanismo de estigmatização. A lógica da estigmatização se manifesta no cotidiano, sob uma perspectiva histórica. Quando Demóstenes expôs suas ideias acerca da inferioridade de Filipe e demais estrangeiros, a estigmatização que produziu dos bárbaros associou-se a um tipo de representação coletiva criada pelo grupo ao qual Demóstenes pertencia. Essa estigmatização expressava e ao mesmo tempo justificava a aversão que os membros do seu grupo sentiam perante os que compunham o grupo dos *outros* (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 35).

Podemos perceber através da análise das *Filípicas* que a rotulação depreciativa, parte do processo de estigmatização e da afirmação de identidades, atribuída ao rei macedônio possui rótulos que foram repetidos e aumentam a cada discurso – sendo o

⁹ Dá o exemplo de Olinto, em que políticos que serviam a Filipe (aqui se refere aos hiparcos Lástenes e Eutícrates que entregaram a Filipe os 500 cavaleiros atenienses que eles chefiavam na Calcídica) não perderam sua pátria, enquanto homens fiéis à causa da cidade foram delatados e banidos, como Apolônides.

de *tirano* encontrado a partir da *Segunda Filípica* e o de *bárbaro* só na *Terceira Filípica*. Demóstenes criticava, cada vez mais, os aliados gregos de Filipe e dizia que os problemas que assolavam a Hélade e que, na verdade, eram originários da crise social que se instaurou após a Guerra do Peloponeso, foram todos decorrentes das ações de Filipe. Passou de um discurso dirigido aos atenienses para um discurso que se destinava aos interesses de toda a Grécia; e, ao mesmo tempo em que intensificava seu alerta para a situação caótica da Hélade, multiplicou seus argumentos sobre a possibilidade de se reverter a situação.

Concluimos que todos os três discursos se estruturaram em uma forma bipolar, nos quais os elementos são excludentes, mas necessários um ao outro para poderem existir – o que não se devia fazer e o que devia ser feito, o justo e o injusto, os que mentem e os que são sinceros, corrupção e honestidade, democracia e tirania, gregos e bárbaros, gregos e Filipe.

Isso ocorre, como afirma Woodward (2000), pelo fato de que as identidades são fabricadas por meio da marcação da *diferença*. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas de representação quanto por meio de modalidades de *exclusão social*. Em resumo, para a autora, a identidade depende da diferença, e essas formas de marcação da diferença, a simbólica e a social, são estabelecidas, pelo menos em parte, por sistemas classificatórios que comportam no mínimo dois grupos opostos: nós e eles, eu e o outro, o mundo da *polis* e o mundo da tirania. Referindo-se a Durkheim, Woodward (2000, p. 40) diz que “[...] é por meio da organização e ordenação das coisas de acordo com sistemas classificatórios que o significado é produzido. Os sistemas de classificação dão ordem à vida social, sendo afirmados nas falas e nos rituais”. E é esta afirmação que encontramos nos discursos de Demóstenes, que foram pronunciados em assembleia compostas por atenienses, por seus iguais.

Le Bart, no seu trabalho *Le discours politique*, de 1998, discute pontos importantes do discurso político. Visto que os discursos de Demóstenes são de cunho político, há assuntos em que um homem político não pode deixar de tocar, os quais podemos dividir em quatro categorias: tornar transparente a realidade social; fundamentar como legítima a sua autoridade política; afirmar a possibilidade de gerenciar o social e afirmar a identidade coletiva. E essas categorias dependem de seus contrários, daquilo que um homem político não pode dizer, tais como: “eu nada sei e compreendo”; “eu não tenho direito algum a governar”; “eu nada posso fazer por vocês

que me escutam”; “você, meu público, não passam de um agregado de indivíduos diferentes, que nada une uma totalidade” (LE BART, 1998, p. 94-96). Todos estes pontos estão contidos nos discursos de Demóstenes. Mas acima de tudo, o discurso do ateniense trata da alteridade.

Toda a retórica que permeia o trabalho de Demóstenes é uma retórica da alteridade – sobre os helenos contra Filipe. E quando fala do rei macedônio, fala do diferente. Hartog (1999, p. 229), refletindo sobre essa retórica da alteridade afirma:

Dizer o outro é enunciá-lo como diferente – é enunciar que há dois termos, *a* e *b*, e que *a* não é *b*. Por exemplo: existem gregos e não-gregos. Mas a diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que *a* e *b* entram num mesmo sistema [...] Desde quando a diferença é dita ou transcrita, torna-se significativa, já que é captada nos sistemas de língua e da escrita. Começa então esse trabalho incessante e indefinido como os das ondas quebrando na praia, que consiste em levar do outro ao próprio.

Sendo assim, quando tratou da excessiva liberdade de ação de Filipe, Demóstenes recordava que os gregos, nem mesmo os atenienses, nunca fizeram isso:

[...] vós, já lhe concederam [a Filipe] o que tem sido causa de todas as guerras da Grécia em todos os tempos. O que é isso? Fazer ele o que quer, mutilar e despojar os gregos, um a um, atacar e escravizar as cidades. Entretanto, por setenta e três anos fostes vós [atenienses] os primeiros entre os gregos; por vinte e nove anos, foram os lacedemônios os primeiros; e tiveram um certo poder também os tebanos, nestes últimos tempos, depois da batalha de Leuctras. Contudo, nem a vós nem aos tebanos e nem aos lacedemônios, jamais, atenienses, foi concedido pelos gregos esse direito, o de fazerdes o que querieis. Não, longe disso! (*III Phil.*, 22-23).

A marcação da diferença entre os gregos e os macedônios, representados por Filipe, encontra vários exemplos ao longo dos discursos de Demóstenes. Na *Primeira Filípica*, o intitulou de insolente e ambicioso, arrogante e inimigo da Hélade.¹⁰ Enquanto isso, na mesma obra, declarou que os atenienses defendiam a justiça, eram plenos de recursos e tinham os deuses ao seu lado. Na *Segunda Filípica*, repetiu os rótulos

¹⁰ Insolente e ambicioso são os dois rótulos dados a Filipe que mais encontramos nas obras de Demóstenes por nós analisadas.

depreciativos atribuídos a Filipe, e ainda o acusou de ser violento, injusto, conspirador, praticante de atos funestos, enganador e, o mais interessante, tirano, e disse que o próprio fato de ele ser um monarca o tornava avesso à liberdade:

Certamente, por Zeus, alegava eu,¹¹ as cidades inventaram muitos meios para proteção e segurança, tais como redutos, muralhas, valas e outros meios análogos. E todas essas obras são criadas pelas mãos do homem e exigem despesas; contudo a natureza dos sensatos possui em si mesma um meio comum de proteção, que é bom e causa salvação para todos, mas sobretudo para as democracias, contra os tiranos, Qual é esse meio? A desconfiança. Guardai-a, agarrai-vos a ela; se a conservais, seguramente nada de mal sofrereis." "Que procurais"? dizia eu. "A liberdade? Então não vedes que Filipe tem até mesmo seus títulos completamente estranhos a ela? De fato, cada rei, cada tirano é inimigo da liberdade e adversário das leis". "Não usareis de cautela", dizia eu, "para que, procurando vos livrar da guerra, não encontreis um senhor todo-poderoso?" (*II Phil.*, 23-25).

É interessante notar que Demóstenes citou como característica do tirano a falta de convívio com as leis, o que equivale a afirmar que os atenienses conviviam com elas. Para Elias (2000, p. 47), a *anomia*, a ausência de normas, é um traço comum na estigmatização do outro. Geralmente, o outro é visto como indigno de confiança, indisciplinado e desordeiro. Já os atenienses eram justos, devotados à Hélade e nunca suportariam um rei e as consequências de se ter um.¹²

Na *Terceira Filípica*, os rótulos depreciativos são mais uma vez repetidos, e, acrescentou Demóstenes: "o rei viola o sagrado". Nesse discurso, o orador discutiu pela primeira vez o fato de Filipe pertencer ou não ao grupo étnico dos gregos. Sobre isso, afirmou que o macedônio era originário de um Estado pequeno e desorganizado e que nem ele e nem seus conterrâneos eram helenos:

[...] se um escravo ou filho putativo dissipasse e esbanjasse bens que não lhe pertencem, por Hércules, todos diriam: "Como isso é terrível e

¹¹ Neste momento do discurso, Demóstenes expõe aos atenienses os mesmos pontos que mostrou para os messênios e argivos, quando foi enviado com uma missão para o Peloponeso. O que é ressaltado é o comportamento de Filipe com relação aos olíntios e tessálios, que comprova a má-fé com que age o rei macedônio.

¹² É interessante o fato de que Demóstenes consegue transformar rótulos que, no caso de Filipe são depreciativos, em positivos, quando se trata dos gregos. Para Demóstenes, Filipe se utilizar de mercenários é algo terrível; já os gregos necessitam em seus exércitos de mercenários.

merece a nossa cólera, ainda mais". A respeito de Filipe, porém, e do que ele faz atualmente, não têm essa atitude, embora ele não seja grego e nada tenha em comum com os gregos, mas nem mesmo seja um bárbaro de lugar que valha a pena mencionar, mas sim um miserável da Macedônia, de onde antes nem um escravo sério era possível comprar, um só que fosse (*III Phil.*, 31).

Demóstenes delimitou de forma radical a oposição que existia entre Filipe e os gregos, e em contrapartida entre o sistema político da monarquia e o da *polis*, colocando, inclusive, o macedônio numa posição inferior à de outros bárbaros. Lévy (1984), tratando da formulação do conceito de bárbaro, afirma que, desde o período clássico, o termo aparece com dois sentidos: um corresponde a uma noção objetiva e, descritivamente, designa quem não é grego, quem é linguística, étnica e geograficamente diferente do grego. De outro lado, o termo se refere a um "anti-modelo" cultural, que sugere o despotismo e a servidão, o luxo excessivo, a crueldade e a grosseria. E a configuração desta imagem teria sido auxiliada pelas Guerras Médicas (LÉVY, 1984, p. 5). É este segundo padrão que Demóstenes seguiu ao falar sobre Filipe II. Já os gregos, antítese dos bárbaros, possuíam características e valores louváveis. Mas aqui, mais claramente do que nos outros textos, os gregos valorizados eram os atenienses.¹³

Na *Terceira Filípica*, Demóstenes, apesar de pregar a união dos gregos contra um inimigo comum, ainda continua falando a partir de uma ótica ateniense. Sendo assim, além de estabelecer uma oposição entre gregos e bárbaros, constrói uma oposição, menos evidente nos dois outros discursos, entre os atenienses e os demais gregos – os atenienses seriam os melhores dentre os melhores. Por isso, eles deveriam reunir e liderar todos os gregos contra as forças de Filipe. Mesmo quando Demóstenes critica os atenienses, isso é feito com intenção pedagógica, para que mudem de atitude e enfrentem Filipe de uma vez por todas. Uma das formas que o orador mais utilizou para chamar a atenção para a situação da Hélade e fazer os gregos refletirem sobre o assunto foi a invocação de exemplos louváveis dos antepassados. Foi uma prática recorrente, no momento de formação e afirmação das identidades, o apelo aos "mitos fundadores", buscando-se encontrar no passado a "essência" de uma identidade,

¹³ François Hartog (2004) produziu um trabalho belíssimo que fala sobre a "invenção do bárbaro", destacando a relação entre gregos e bárbaros, e falando sobre um tempo em que tal denominação não existia.

mesmo que esse passado fosse reconstruído (WOODWARD, 2000). Sendo assim, quando Demóstenes falava, por exemplo, da moral, da força de guerra, do cumprimento às leis, da vocação à liberdade dos antigos, tratava-os como se fossem valores perdidos, mas que poderiam ser *resgatados* pelos atenienses, que, na verdade, não os perderam, mas, sim, os ocultaram diante das ações de Filipe II.

Então aqueles atenienses criam ser seu dever cuidar da salvação de todos os gregos, pois não lhes importaria, se não pensassem assim, que alguém subornasse e corrompesse as pessoas [...] E de tal forma puniam e castigavam os que eles percebiam ser venais que ainda os inscreviam em uma estela. Em consequência disso, era natural que a Grécia fosse temível para o bárbaro, e não o bárbaro para a Grécia (*III Phil.*, 45).

Vemos, assim, que Demóstenes assumiu os princípios fundamentais da democracia de sua época: que o *demos* é soberano devido a sua liberdade e que essa liberdade é poder. Demóstenes se valeu dessa ideologia para sustentar todos os seus argumentos até perceber que não era a oligarquia que ameaçava a liberdade da Hélade e o sistema *políade*, mas, sim, a emergência de Filipe II como um autêntico conquistador. A partir daí, passou a encontrar mais semelhanças entre as *poleis*, as quais louvou diante da tirania personificada por Filipe. Pregou, então, a união da Hélade e minimizou, de certa forma, as diferenças entre as *poleis*. Demóstenes mostrou, em seus discursos, uma nova forma de se encarar o mundo helênico, um mundo que deveria se unir perante um inimigo comum.

Referências

Documentação primária impressa

DEMOSTHENES. *Demosthenes Orations: I-XVII, XX, olynthiacs, philippics, minor public orations*. Translated by J. H. Vince. London: Loeb Cassical Library, 1998.

DEMÓSTENES. *As três filípicas; oração sobre as questões da Quersoneso*. Tradução de Isis Borges Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Obras de apoio

- BUCKLER, J. The actions of Philip II in 347 and 346 B. C.: a reply to N. G. L. Hammond. *A Classical Quarterly*, Oxford, n. 2, p. 380-386, 1996, v. 46.
- CALHOUN, G. M. Demosthenes' second philippic. *Transactions and proceedings of the American Philological Association*, Middletown, v. 64, p. 1-17, 1933.
- CAWKWELL, G. L. Demosthenes' policy after the peace of Philocrates. II. *A Classical Quarterly*, Oxford, v. 13, n. 2, p. 200-213, Nov. 1963.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FONSECA, I. B. Tradução. In. DEMÓSTENES. *As três filípicas*; oração sobre as questões da Quersonerso. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. O gênero deliberativo na oratória grega: a terceira filípica de Demóstenes e a retórica de Aristóteles. *Clássica*, Belo Horizonte, v. 3, p.67-75, 1990.
- GRIFFITH, G. T. Philip of Macedon's early interventions in Thessaly (358-352 B. C.). *A Classical Quarterly*, Oxford, v. 20, n. 1, p. 67-80, 1970.
- HAMMOND, N. G. L. *The Macedonian State*: origins, institutions, and history. Oxford: Clarendon Press, 2001.
- _____. The actions of Philip II in 347 and 346 early BC. *A Classical Quarterly*, Oxford, n. 2, p. 367-374, 1994, v. 44.
- HARTOG, F. *Memória de Ulisses*: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 93-122.
- _____. *O espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 227-271.
- JAEGER, W. *Demóstenes*: la agonía de Grecia. México, 1976.
- LE BART, C. *Le discours politique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- LEOPOLD, J. W. Demosthenes on distrust of tyrants. *GRBS*, Durham, v. 22, n. 3, p. 227-246, 1981.
- LÉVY, E. Naissance du concept de barbare. *Ktema*, Strasbourg, n. 9, p. 5-14, 1984.
- MADER, G. Praise, blame and authority: some strategies of persuasion in Demosthenes, *Philippic 2*. *Hermes*, Jahrgang, n. 132, p. 56-68, 2004.
- MARKLE, M. M. The strategy of Philip in 346 b. C. *A Classical Quarterly*, Oxford, v. 24, n. 2, p. 253-268, 1974.

- MOSSÉ, C. *Démosthène ou les ambiguïtés de la politique*. Paris, 1994.
- MUSSURILO, H. A critical note on Demosthenes' First Philippic. *A Classical Quarterly*, Oxford, v. 7, n. 1/2, p. 86-88, 1957.
- ROCHER, S. L. Las fronteras de la política: la vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes. *Gerión*, Madrid, v. 20, n. 1, p. 231-253, 2002.
- ROWE. G. O. Demosthenes' first philippic: the satiric mode. *Transactions and proceedings of the American Philological Association*, Middletown, v. 99, p. 361-374, 1968.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.